



De volta aos *clássicos*

Vinte anos após o celebrado álbum 'Io Canto', Laura Pausini lança segundo capítulo de projeto dedicado aos grandes compositores e amplia sua conexão musical com Brasil, incluindo faixa com Ana Carolina e Ferrugem e regravações de sucessos de Roberto e Erasmo Carlos e dos Tribalistas

AFFONSO NUNES Quando 'Io Canto' chegou às lojas em 2006, Laura Pausini, a mais famosa cantora italiana da atualidade, propunha uma homenagem ambiciosa aos grandes clássicos da música de seu país, apresentando-os ao público internacional com a mesma reverência de quem segura uma relíquia. O álbum consolidou sua posição como intérprete de peso e abriu caminhos para um momento histórico: no ano seguinte, Laura se tornaria a primeira mulher a protagonizar um show no lendário Estádio San Siro, em Milão, diante de 70 mil pessoas. Agora, em 2026, 'Io Canto 2' retoma essa missão com urgência renovada e um olhar expandido que atravessa fronteiras.

Continua na página seguinte

‘Quando a música chama, eu respondo’

Laura Pausini destaca que a retomada do projeto de interpretações protege é um ator de proteção de um legado hoje ameaçado pela superficiedade dos tempos atuais



Divulgação

O novo trabalho mantém o compromisso assumido lá atrás pela artista e celebrar compositores, intérpretes e autores fundamentais da canção italiana, mas avança para territórios culturalmente conectados à Itália. Entre as faixas, destaca-se uma adaptação em português de “La mia storia tra le dita”, transformada em “Quem de Nós Dois” e interpretada em trio com Ana Carolina e Ferrugem. A versão, que ganhou letra de Ana Carolina em 2001, tornou-se um sucesso instantâneo por aqui. O álbum também inclui “Já Sei Namorar”, hit dos Tribalistas cuja compositora e cantora Marisa Monte carrega raízes italianas, além de versões em francês, alemão, português e inglês de “Il cielo in una stanza”, eternizada por Mina a partir da composição de Gino Paoli.

Ana Carolina celebrou o encontro com Laura entusiasmo. “Tenho um carinho enorme por ‘Quem de Nós Dois’ e uma gratidão profunda por tudo o que essa canção me trouxe. Até hoje, em qualquer lugar onde eu me apresente, é impossível não cantá-la junto com o público. Revisita-la agora, em uma nova versão, ao lado de dois grandes artistas, é um daqueles presentes raros que a carreira nos dá”, afirmou a cantora, que destacou ainda sua admiração por Laura e pelo “amor verdadeiro pelo Brasil” que a italiana demonstra. Ferrugem, por sua vez, definiu a participação como “um orgulho enorme” e “uma honra e uma gran-



de responsabilidade”, guardando o momento como inesquecível em sua trajetória.

A presença brasileira no álbum segue com “Dettagli”, versão em italiano para “Detalhes”, de Roberto e Erasmo Carlos que evoca boas lembranças de Laura. “Uma canção de Roberto Carlos, um dos compositores brasileiros mais amados, eternizada pela nossa grande Ornella. Cantei essa música muitos anos atrás, em uma noite entre amigos em Forte dei Marmi. Cantei para ela, e desde então, toda vez que nos encontrávamos, Ornella me perguntava: quando você vai gravar ‘Dettagli’ para mim?”, recorda.

Laura tem uma resposta na ponta da língua para explicar porque “Já Sei Namorar”, sucesso dos Tribalistas, integra o repertório de um disco que celebra a canção italiana. “Você pode se perguntar por que incluí uma canção brasileira em um álbum de tributo a compositores italianos. Marisa Monte, voz feminina e compositora dos Tribalistas, tem raízes italianas. Quem me conhece sabe que gosto de pensar que fui brasileira em outra vida. Essa canção, que

“Nestes tempos difíceis, em que o ódio parece estar na ordem do dia, eu canto para colocar a música no centro”

LAURA PAUSINI

também fez grande sucesso na Itália, carrega um espírito solar, leve e positivo, cheio de alegria, exatamente o que sinto toda vez que chego àquele país mágico”, acrescenta.

Em declarações que misturam poesia e manifesto, a italiana assume postura militante em defesa da música como território de resistência. “Nestes tempos difíceis, em que o ódio parece estar na ordem do dia, eu canto para colocar a música no centro”, afirma Laura, que evoca a imagem de Joana d’Arc para descrever o que considera ser sua missão artística: “Sinto-me como Joana d’Arc, sem armadura, mas com um microfone na mão, porque quando a música chama, eu respondo. Pronto para defender sem medo tudo aquilo que amo”. A metáfora revela uma artista consciente do papel cultural que ocupa. Para ela, cantar clássicos não é nostalgia ou exercício técnico, mas ato de proteção de um legado ameaçado pela superficialidade e pelo ruído dos tempos atuais.

O repertório de ‘Io Canto 2’ percorre mais de seis décadas de música, desde 1960 até 2023, e inclui um dueto emocionante com o

inesquecível Lucio Dalla em “Felicita’”, além de parceria com Annalisa na regravação de “Ma che freddo fa”, clássico de Nada. Laura também presta tributo a Madonna, de ascendência italiana e uma das maiores estrelas do pop mundial, reinterpretando “La isla bonita”. Em 2004, Madonna havia escrito para Laura a canção “Mi abbandono a te”, incluída no álbum Resta in ascolto, vencedor do Grammy, fechando assim um ciclo de admiração mútua entre duas italianas que conquistaram o mundo. A versão francesa de “Due vite”, de Marco Mengoni, intitulada “La Dernière Chanson (Due vite)” e cantada com Julien Lieb, estreou em primeiro lugar no ranking Gram Top Pop Francophone Artistes Globaux e será o primeiro single para a França.

Três anos após “Anime Parallele”, Laura Pausini se prepara para lançar também “Yo Canto 2”, versão em espanhol, reunindo canções dos maiores compositores latino-americanos, representando países como Espanha, Argentina, México, Chile, Colômbia e Peru, entre outros que consagraram a italiana como ícone

musical.

A oportunidade de ouvir essas canções ao vivo chega em março de 2026 com o início da “Io Canto / Yo Canto World Tour 2026/2027”, décima primeira turnê mundial de Laura Pausini. Serão dois shows distintos, com repertórios diferentes, cenografias e produções exclusivas desenvolvidas especialmente para os universos de cada álbum. No Brasil, Laura fará show único em 27 de fevereiro de 2027, na Mercado Livre Arena Pacaembu, São Paulo.

Com mais de 75 milhões de álbuns vendidos e mais de 6 bilhões de streams, Laura Pausini é a artista italiana feminina mais ouvida fora de seu país. Primeira e única italiana a vencer um Grammy Award e a entrar no Billboard Hot 100, com a versão de “Se Fue” em parceria com Rauw Alejandro, ela acumula quatro Latin Grammy Awards e foi eleita Person of the Year 2023 pela Latin Recording Academy, tornando-se a primeira artista não hispânica a receber a homenagem. Seu currículo inclui ainda um Globo de Ouro, indicações ao Emmy e ao Oscar, além dos recentes Billboard Icon Award e Global Icon Award no Billboard Women in Music, entregues na presença de Sua Santidade, o Papa Leão XIV. Ao longo de mais de 30 anos de carreira, Laura já se apresentou em mais de 40 países, passando por palcos prestigiados como Radio City Music Hall, Madison Square Garden, Royal Albert Hall e Olympia, sendo a primeira artista italiana a cantar em cada um deles.

CRÍTICA

DISCOS

PELOS OLHOS DO MAR

POR AQUILES RIQUE REIS*

A brasilidade

de Lia de

Itamaracá

e Daúde

Hoje trataremos de Pelos Olhos do Mar (selo SES-CSP), álbum que une duas gerações de grandes cantoras brasileiras, Lia de Itamaracá e Daúde. Somadas a outras vozes especialmente convidadas, tais como Assucena, Biu Baracho, Céu, Ceycly Fulni-Ô, Dulce Baracho, Isaar, Juliana Linhares, Lígia Fernandes e Otto, a afinidade entre elas vem do fato de Lia e Daúde também cantarem um Brasil que o Brasil desconhece. Abrindo-se à brasilidade, suas vozes revelam um DNA que exprime cultura e cidadania. Suas interpretações vêm não só de suas vozes diferenciadas, como também de suas almas, que iluminam um trabalho enérgico e poderoso. Assim, entre cocos e cirandas, elas produziram um documento

histórico. Eis algumas das dez faixas. Ouça o álbum completo em <https://11nk.dev/alk5F> “As Negras” (Chico César): com uma batida embalada e vigorosa, coro, palmas e percussão abrem a tampa. Logo as protagonistas vêm plenas. “Santo Antônio da Boa Fortuna” (Emicida): a intro é alegórica. O teclado prolonga o clima, reproduzindo o som de cordas. O ritmo rola gingado. O intermezzo adiciona beleza à oração ao santo. “Florestania” (Russo Passapusso): os sopros se encontram com a percussão, sacudindo a levada, e entregam para Lia e Daúde brilharem. “A Galeria do Amor” (Agnaldo Timóteo): a canção vem com a guitarra com efeitos. Daúde canta e traduz o que Timóteo criou – bela música! O arranjo traz os sopros que arrebatam pela delicadeza – o trompete



Lia de Itamaracá e Daúde

protagoniza. “Quem é?” (Maurilio Lopes e Silvinho): a bateria traz à luz o bolero, tão lindo, tão clássico. Lia se atira aos versos com a emoção pulsando nas veias. O trompete com surdina toca o intermezzo,

para logo devolver o canto para Lia: impecável! Meu Deus! Pelos Olhos do Mar (Otto): o bolero que dá título ao álbum vem com o trompete. Lia solta a voz e arrasa com sua voz tão intensa quanto ela. O coro vem com vozes abertas. O trompete improvisa com perfeição. Belo final! “Bordado” (Karina Buhr): a linda melodia de Buhr se destaca, com Daúde cantando apenas com a guitarra. Logo o arranjo ganha ritmo. Lia assume o canto. O bolero segue com as cordas originadas no teclado ao fundo. “Se Meu Amor Não Chegar Nesse São João” (Baracho): a bateria chama e os sopros vêm quentes. A ciranda açula o ouvinte que se derrama em afabilidades que atestam a beleza do que acabou de ouvir. E assim, após Lia de Itamaracá e Daúde ratificarem que suas vozes têm poder para entoar qualquer gênero musical brasileiro, o álbum chega ao fim, deixando ressoar a beleza rara da voz de duas cantoras que protagonizaram momentos de pura brasilidade.

Ficha técnica

Instrumentistas: Antonio Neves: trompete; Fábio Sá: baixo; Leo Mendes: guitarra; Pedro Baby: guitarra e violão; Pupillo: bateria, beat eletrônico, percussão e voz; Zé Ruivo: teclados; produção: Marcus Preto e Pupillo; direção artística: Marcus Preto; direção musical: Pupillo. ***Vocalista do MPB4 e escritor**

UNIVERSO

SINGLE

POR A F F O N S O N U N E S



Para lembrar Preta

Aretuza Lovi e Gominho lançam “3 nós”, canção que homenageia Preta Gil (1974-2025) e celebra laços de amizade. A faixa integra o CarnArê 2026, projeto que reverencia o Bloco da Preta, agremiação carnavalesca fundada pela filha de Gilberto Gil. A faixa cria uma conexão simbólica com a fita do Senhor do Bonfim, cujos três nós representam vínculos que não se rompem. Interpretada por Aretuza Lovi, a composição aborda temas como lealdade, parceria e afeto, refletindo a relação entre a cantora e Preta.



Vínculos tóxicos

A cantora paulista Lia lança “Intermitência”, canção que aborda o padrão psicológico de relacionamentos abusivos. Composta em parceria com Thales Augusto Corrêa e produzida pela Interstella, a faixa mescla sertanejo, brega e bachata. O clipe, protagonizado pela artista ao lado do ator Tomás Aquino, da novela “Coração Acelerado”, dramatiza a dinâmica de manipulação em vínculos tóxicos. A obra traduz conceitos densos sobre violência psicológica em linguagem acessível, explorando a alternância comum nos ciclos abusivos



Pesquisas sonoras

O cantor, compositor e produtor japonês Joji lança “Piss In The Wind”, seu mais novo álbum completo. O projeto reúne 21 faixas que equilibram letras introspectivas com produção atmosférica, unindo elementos do passado e presente sonoro do artista. Nesta segunda (9) estreou o videoclipe de “Last of a Dying Breed”. O álbum conta com participações de Giveon, 4batz, Yeat e Don Toliver. A direção criativa remete aos tempos de YouTube de Joji, criando uma obra que mantém o artista fora dos holofotes.

ENTREVISTA | MIN BAHADUR BHAM

CINEASTA

‘Há espiritualidade na andança’

Jens Koch/ Berlinale

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Artista mais jovem no time de seis profissionais do audiovisual convocados para integrar o júri da 76ª Berlinale, sob a presidência do alemão Wim Wenders, o cineasta nepalês Min Bahadur Bham tem uma dívida de gratidão com o evento germânico, por considera-lo o responsável por mudanças significativas (e inclusivas) na representação geopolítica de seu país. Foi lá, na nobre vitrine da competição oficial, em 2024, que o diretor (hoje com 42 anos) estreou “Caminho da Vida”, cujo título original é “Shambhala”.

Estonteada por panorâmicas raras vezes clicadas das montanhas do Nepal, cobertas por uma malha de gelo, a Alemanha torcia nervosamente para que a empreitada narrada por Bahadur – sobre a jornada afetiva de uma jovem gestante chamada Pema pelas mais inóspitas paisagens de sua pátria – resultasse em sucesso, em felicidade e, quiçá, num Urso de Ouro. A personagem interpretada por Thinley Lhamo, uma futura mamãe com a barriga no ápice da gestação, tornou-se a heroína mais destemida do Festival de Berlim daquele ano. A tarefa do realizador, agora é ajudar Wenders, a identificar outras figuras tão poderosas quanto Pema na seleção de 22 concorrentes que irão desfilar pela capital alemã a partir desta quinta. O longa de abertura não concorre: “No Good Men”, da afegã Shahrbanoo Sadat, centrado nos conflitos de uma operadora de câmera de Cabul.

Além de Bahadur e Wenders, o júri da Berlinale conta com a atriz sul-coreana Bae Doona, o diretor e arquivista indiano Shivendra Singh Dungarpur, a cineasta japonesa Hikari, o realizador americano Reinaldo Marcus Green e a produtora polonesa Ewa Puszczyńska. Este ano, entre as vozes auto-raias competidoras, o cearense Karim Ainouz concorre em Berlim com uma produção estrangeira: “Rosebush Pruning”, com Pamela Anderson, Tracy Letts, Callum Turner, Riley Keough, Jamie Bell e Elle Fanning. Beth de Araújo, americana de São Francisco, filha de um brasileiro (de quem herdou nacionalidade), vai brigar por troféus com “Josephine”, no qual uma menina de oito anos (Mason Reeves) fica mexida internamente após testemunhar um crime no Golden Gate Park. A produção venceu o Festival de Sundance, em janeiro.

Diante de uma fatura de medalhões criativos, Bahadur se prepara para entender que recortes poéticos de mundo a Berlinale lhe prepara. Nascido em 1984 no distrito de Mugu, província de Karnali, ele já havia despontado sob os olhares da crítica com “Nas Estradas do Nepal”, que saiu premiado do Festival de Veneza de 2015.

Na entrevista a seguir, concedida ao Correio da Manhã em Berlim, Bahadur explica o desafio de transpor a barreira da antropologia ao mapear uma cultura pouco familiar ao Ocidente.

Como você encara a produção cinematográfica do seu país hoje?

Min Bahadur Bham - Tenho a sensação de que a gente está vivendo uma espécie de Nova Onda, pois nas últimas Berlinales, havia um grupo de cineastas nepaleses mais jovens do que eu buscando mostrar seu trabalho a produtoras e distribuidoras. Ou seja, há produção.

Qual é a imagem que o cinema internacional fabricou do Nepal?

Eu tenho a vivência das montanhas, como todos do meu povoado natal, Bhambada, em Mugu. Entendo o que muita gente busca com suas câmeras quando passa por lá e vê a paisagem,

mas não há como se falar de uma cultura só mostrando sua geografia física, sem abrir discussões sociais. Eu deixei a minha aldeia aos 15 anos e fui ganhar o mundo. Levei comigo a lembrança da descoberta do cinema, que me foi apresentado pelo meu pai, quando ele conseguiu arranjar um equipamento de projeção e levou até nossa vila. Lembro de ver filmes ao lado de meus irmãos e amigos, maravilhado. Foi uma descoberta da arte e de mim. Por isso, a minha forma de expressão pelas vias cinematográficas hoje se dá pelo esforço de conduzir meu elenco, repleto de atrizes e atores não profissionais das próprias locações, a manifestarem seus valores internos diante da câmera.



“Eu não nego a dimensão etnográfica do meu filme nessa perspectiva de direção. Há uma voz cultural se expressando ali”

O que você procura de mais particular em filmes como “Caminho da Vida”?

Eu não nego a dimensão etnográfica do meu filme nessa perspectiva de direção. Há uma voz cultural se expressando ali.

O que a jornada de Pema expressa sobre a condição feminina do Nepal de hoje?

A mobilidade territorial é parte de nossas vidas naquela região. Pema faz uma jornada que é parte de nosso ritual de sobrevivência,

mas desafia a condição social de ser rotulada como “dona de casa”, presa ao lar, para buscar seu amor. Há a convenção cultural de ir atrás de um marido que sumiu, mas, pouco a pouco, em sua coragem, ela vai se desapegando desse objetivo e embarcando numa jornada de iluminação. Eu queria que a viagem pela montanha fosse um rito de encontro com a essência espiritual. Há uma travessia externa que converge numa travessia interna. Há espiritualidade na andança.

Qual foi a maior dificuldade nas filmagens?

Rodamos num perímetro fronteiriço com o Tibete e só havia a chance de uma refeição por dia, por nosso cronograma de ação e pela adequação às práticas culturais de um terreno onde se gasta muita energia no deslocamento no frio entre as pedras, no esforço de se cruzar rios.

Rescaldos de um festival de acertos



Em meio à abertura da 76ª edição da Berlinale, joias do evento de 2025 encontram holofotes em circuito, streaming e na disputa pelo Oscar, confirmando o prestígio da maratona alemã

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

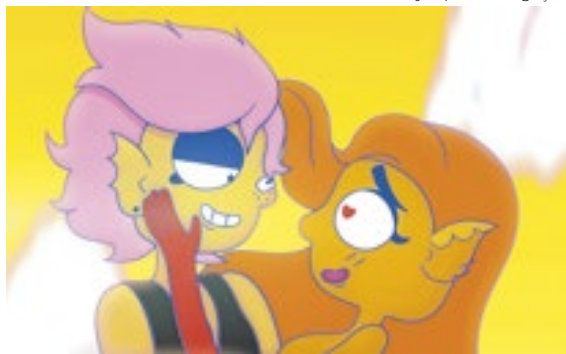
Espécie de “Star Wars” versão queer e animada, a sci-fi australiana “A Sapatona Galáctica” (“Lesbian Space Princess”), de Emma Hough Hobbs e Leela Varghes, foi um dos pilares pop da Berlinale em 2025, saindo de lá com o troféu Teddy, láurea simbólica da luta contra homofobia. No enredo, a introvertida princesa Saira, filha das extravagantes rainhas do planeta Clitópolis, fica arrasada quando sua namorada, a caçadora de recompensas Kiki, termina repentinamente com ela por ser muito carente. Quando Kiki é sequestrada pelo povo mau chamado Straight White Aliens, Saira precisa deixar o conforto da “gaylândia” para entregar o resgate solicitado: seu Royal Labrys, um sabre (ou quase isso) vibrante.

A trama bem-humorada dessa animação correu mundos... quer dizer, festivais pelo nosso mundo... e, a partir desta quinta, aporta em circuito comercial brasileiro, um ano depois de sua consagração. Estreia no mesmo dia em que a edição número 76 do Festival de Berlim inicia suas atividades, com uma projeção fora de concurso de “No Good Men”, longa-metragem da



Blue Moon

Sabrina Lantos/Sony Pictures Classics/ Divulgação



A Sapatona Galáctica

Synapse/ Divulgação



A Meia-Irmã Feia

Marcel Zyskind - © Shudde



Se Eu Tivesse Pernas, Eu Te Chutaria

A24

afegã Shahrbanoo Sadat, centrado nos conflitos de uma operadora de câmera de Cabul. Enquanto promove esta e outras sessões, o evento germânico, sob direção artística de Tricia Tuttle, celebra a carreira de sucesso de suas descobertas do ano passado, incluindo aquelas que descolaram vaga na disputa do Oscar.

Entre as indicadas ao troféu de Melhor Atriz da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, a ser entregue no dia 15 de março, está Rose Byrne, que arrebatou o Urso de Prata, em fevereiro passado, por “Se Eu Tivesse Pernas, Eu Te Chutaria” (“If I Had Legs I’d Kick You”). Sua estrela ganhou ainda o Globo de Ouro, em janeiro, por seu desempenho no papel de uma terapeuta em conflito com a maternidade, em meio a crises com a saúde de sua filha e a angústia dian-

te de um problema de infiltração no tato de seu lar. Conan O’Brien e Christian Slater têm participações impagáveis nesta dramédia sobre desconfortos, hoje em cartaz no Rio.

Indicada ao Oscar de Melhor Maquiagem, a fantasia hardcore norueguesa “A Meia-Irmã Feia” (“Den stygge stesøsteren”), de Emilie Blichfeldt, abriu seus trabalhos na Berlinale, há um ano, na mostra Panorama. Chegou ao Brasil via streaming, na MUBI. Em sua trama, a jovem Elvira (vivida por Lea Myren), aparentemente comum, mas ambiciosa, é forçada por sua mãe a seduzir um príncipe vaidoso para salvar sua família. Mas, quando sua bela meia-irmã Agnes (Thea Sofie Loch Naess) se torna uma rival, Elvira é levada ao limite. Na véspera do baile real, ela precisa enfrentar as

duras verdades do mundo ao qual aspira.

Rival de Wagner Moura na corrida pelo Oscar de Melhor Ator, Ethan Hawke entrou no páreo por seu desempenho colossal em “Blue Moon – Música e Solidão”, que teve sua primeira sessão pública no Berlinale Palast, na disputa pelo Urso de Ouro. Cativou corações no ato. Pena que essa lindeza de filme, indicado ao Globo de Ouro, não teve espaço em tela grande no Brasil, indo diretamente para a grade da Prime Video, da Amazon, onde pode ser alugado.

Na trama, o diretor Richard Linklater (de “Boyhood”), parceiro recorrente de Ethan, revisita a saga do letrista Lorenz Hart (1895-1943), que enfrenta corajosamente o futuro à medida que sua vida (profissional e privada) desanda em

goladas contínuas em destilados de alto teor alcoólico. Tudo se passa no bar Sardi’s, durante a festa de abertura do novo espetáculo (o fenômeno “Oklahoma!”) de seu ex-parceiro Richard Rodgers (1902-1979), interpretado por Andrew Scott (de “Ripley”), que foi premiado no evento alemão, com o Urso de Prata de Melhor Atuação Coadjuvante, por seu desempenho nessa caudalosa produção. Na noite de 31 de março de 1943, narrada no roteiro, Lorenz (Hawke, notável) vai escancarar todos os seus demônios.

A Berlinale 76 segue até o dia 22, com uma esquadra brasileira invejável. Este ano, entre as 22 vozes autorais competidoras pelo Urso de Ouro, o cearense Karim Aïnouz concorre com uma produção estrangeira: “Rosebush Pruning”, com Pamela Anderson, Tracy Letts, Callum Turner, Riley Keough, Jamie Bell e Elle Fanning. Beth de Araújo, americana de São Francisco, filha de um brasileiro (de quem herdou nacionalidade), vai brigar por troféus com “Josephine”, no qual uma menina de oito anos (Mason Reeves) fica mexida internamente após testemunhar um crime no Golden Gate Park. A produção venceu o Festival de Sundance, em janeiro.

Entre os 13 títulos da competição paralela Perspectivas, dedicada a estreantes, e também divulgada na terça, o Brasil cavou espaço para si à força da atriz e dramaturga mineira Grace Passô (da peça “Vaga Carne”), que dirige “Nosso Segredo”, narrando os conflitos de uma família às voltas com a perda do patriarca. A estrela das Geras fez o cult “Temporada” (2018).

Além de “Nosso Segredo” e dos longas de Beth e de Karim, nove outras produções brasileiras, dos mais diferentes cantos do país, já estão confirmadas para a 76ª Berlinale, sem contar os anúncios desta terça-feira. Na seção Generation, entraram “A Fabulosa Máquina do Tempo”, de Eliza Capai; “Quatro Meninas”, de Karen Suzane; “Feito Pipa”, de Alan Deberton; e a animação “Papaya”, de Priscilla Kellen. No Fórum Expanded, Denilson Baniwa e Felipe M. Bragança levam “Floresta do Fim do Mundo” a telas germânicas. No Fórum, tem “I Built a Rocket Imagining Your Arrival”, de Janaína Marques. Já no Panorama, comparecerão “Se Eu Fosse Vivo... Vivia”, de André Novais Oliveira; “Isabel”, de Gabe Klinger; e a coprodução paraguaia “Narcisco”, de Marcelo Martinessi. Nas Berlinale Series, tem “Emergência 53”, da Globoplay.

CORREIO CULTURAL



Gilbert Flores/Golden Globe Foundation

Paul Thomas Anderson, diretor de 'Uma Batalha Após a Outra'

DGA consgra Paul Thomas Anderson

O diretor de “Uma Batalha Após a Outra”, Paul Thomas Anderson, venceu o DGA Awards, o prêmio do sindicato dos diretores dos Estados Unidos, de melhor direção em longa-metragem. A premiação é um importante termômetro para o Oscar, marcado para o dia 15 de março de 2026.

Anderson concorreu com Ryan Coogler (“Pecadores”), Chloé Zhao (“Hamnet”), Guil-

lermo del Toro (“Frankenstein”) e Josh Safdie (“Marty Supreme”). O diretor de “O Agente Secreto”, Kleber Mendonça Filho, não estava na disputa.

Essa foi a terceira indicação de Anderson ao DGA Awards. Seu nome já esteve entre os indicados em 2021, por “Licorice Pizza”, e em 2007, por “Sangue Negro”. A premiação do DGA é um forte termômetro para o Oscar.

Legado a ser protegido

Em entrevista ao jornal britânico The Guardian, a mulher do ator Chadwick Boseman, Simone Ledward Boseman, compartilhou as pressões para tomar decisões sobre qual seria o legado do marido, ao mesmo tempo em que lidava com o luto. Boseman, que teve a carreira catapultada após viver o primeiro protagonista negro da Marvel, em “Pantera Negra”, morreu aos 43 anos em decorrência de um câncer de cólon, em 2020. “Não preciso criar o legado dele, só preciso protegê-lo”, afirmou à publicação londrina.

Nova função

O trombonista brasileiro Felipe Brito foi escolhido para assumir a direção geral do Festival de Jazz Clark Terry - Phi Mu Alpha, cuja 16ª edição será realizada nesta sexta-feira e sábado (13 e 14) na Southeast Missouri State University, em Cape Girardeau (EUA).

Nova função II

Educador, compositor, gestor cultural e doutor em Música pela Universidade do Texas (EUA), Felipe consolida sua trajetória como uma das vozes mais influentes da música brasileira no exterior. Sua formação se deu em ambientes onde a música unia pessoas de diferentes origens.

O recorde de Bad Bunny

A NBC Sports revelou que o show de Bad Bunny no intervalo do Super Bowl foi o mais assistido da história do evento. A apresentação alcançou cerca de 135,4 milhões de espectadores. O recorde anterior era de Kendrick Lamar, com mais de 133 milhões de espectadores em 2025. O show do porto-riquenho foi o primeiro cantado inteiro em espanhol no evento.



Divulgação



Divulgação

Bothayna Al-Essa conta uma história perturbadora na qual personagens não tem nome em 'A Biblioteca do Censor de Livros'

Uma ode à imaginação

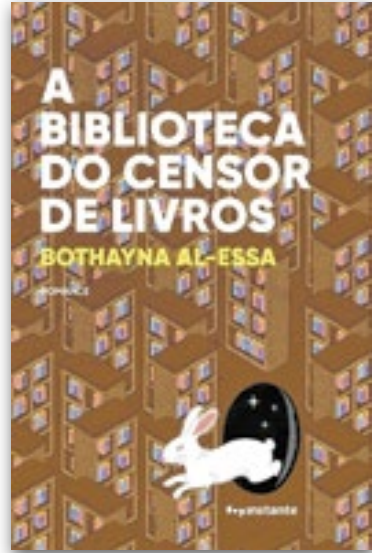
Escritora do Kuwait cria distopia sobre censor que se apaixona por livros proibidos

DIOGO BERCITO
Folhapress

Em um futuro distópico, sob um governo autoritário, um homem é contratado para ler romances. Com uma condição: não pode gostar deles. Quanto mais odiar os livros, melhor. É, afinal, um cargo de censor e seu trabalho é proibir -e queimar- qualquer obra que contrarie o regime. Em especial, o censor tem de coibir qualquer uso da imaginação. Já nos primeiros dias de trabalho, o homem entende o quão difícil é seu novo emprego. O primeiro livro que ele precisa censurar é o clássico “Zorba, o Grego”, de Nikos Kazantzakis. Encanta-se com o texto e, em vez de proibir o romance, decide escondê-lo no fundo do guarda-roupa.

A escritora Bothayna Al-Essa, do Kuwait, conta essa história perturbadora no romance “A Biblioteca do Censor de Livros”, de 2019. O livro saiu no Brasil pela editora Instante, traduzido por Jemima Alves. Ela é uma das mais celebradas vozes literárias do Kuwait, tendo fundado a biblioteca e editora Takween. Foi também uma das líderes do movimento popular contra a censura -abolida no país apenas em 2020.

O livro se passa “em algum momento no futuro, num lugar cujo nome seria inútil mencionar, já que se parece com qualquer outro lugar”. Os personagens não têm nome, sendo mencionados como “censor”, “esposa” e “filha”, por exemplo, dando



Divulgação

ao texto quase um ar de fábula.

Não há detalhes sobre como o mundo chegou a esse ponto. O narrador só explica que houve uma revolução, capitaneada pelo Movimento Popular do Realismo Positivista. O regime decide que a imaginação é perigosa para a sociedade e tenta fazer com que as pessoas vivam apenas na superfície das coisas, sem jamais refletir sobre os seus significados.

Essa ideia está mais clara no título original em árabe, que, em tradução literal, seria algo como “O Guardião da Superfície do Mundo”. Censores, como o protagonista, precisam se atentar a qualquer tentativa de criatividade. Se no passado as sociedades tentaram criar robôs que se assemelhavam a humanos, a meta agora é transformar homens em robôs.

Ameaças

O problema, para o protagonista do livro de Bothayna, é que ele adora ler ficção. Sua filha também tem essa doença - nem mesmo as escolas conseguiram cumprir a função de extinguir sua imaginação. Paire sobre a menina a ameaça de ser mandada para um reformatório do governo. Se nem isso funcionar, ela pode ser encaminhada para uma câmara de gás.

O romance, com tudo isso, é uma espécie de história de terror. Assusta principalmente porque é uma extrapolação de ideias que já existem no presente. Diversos países de fala árabe, por exemplo, proíbem romances que violem a moral pública. Um caso emblemático foi a prisão do egípcio Ahmed Naji em 2016 por alusões sexuais em “Usando a Vida”.

Esse não é um problema apenas do Oriente Médio, é claro. Nos Estados Unidos, 3.752 livros foram banidos de escolas públicas no último ano letivo, segundo a associação de escritores PEN. Entre eles, “Laranja Mecânica” e “Wicked”. Já no sul do Brasil, escolas públicas tentaram barrar a circulação do romance “O Aveso da Pele”, de Jeferson Tenório.

Bothayna faz uma defesa da literatura e uma ode à imaginação, em “A Biblioteca do Censor de Livros”. São as metáforas e as figuras de linguagem que redimem o protagonista em sua jornada rumo às profundezas dos significados. Ele se dá conta de que o limite divisório entre a realidade e a imaginação também é, afinal de contas, imaginário.

É uma leitura intrigante. Onde Bothayna escorrega é no uso de referências literárias. Sua ideia, explica no posfácio, é dialogar com os clássicos da literatura. Mas tudo o que aparece é um pouco batido, como “Alice no País das Maravilhas”, “Chapeuzinho Vermelho” e “Pinóquio”. São clássicos, sim - mas são os clássicos da superfície, digamos assim, já desgastados por tanto uso. Isso vale também para o começo do livro, que brinca com a manjada abertura de “Metamorfose”, de Franz Kafka.

Nesse sentido, surpreende e incomoda que todas as referências sejam do cânone ocidental. Bothayna perde a valiosa oportunidade de inserir a literatura árabe nesse cânone e de reivindicar, assim, sua universalidade.

Palco para o país inteiro

Festival de Curitiba chega à 34ª edição consolidado como o principal evento de artes cênicas do Brasil, com 435 atrações e programação que vai do teatro ao circo



A sabedoria dos Pais



Com mais de três décadas de história, o Festival de Curitiba se consolidou como o principal evento de artes cênicas do Brasil. A 34ª edição, que acontece de 30 de março a 12 de abril, reúne 435 atrações em teatros, espaços culturais, ruas, praças e instituições de Curitiba e região metropolitana, atraindo público de todo o país. Em 2025, o evento recebeu mais de 200 mil pessoas. A bilheteria oficial abre nesta terça-feira pelo site www.festivaldecuitiba.com.br e pela bilheteria física no Shopping Mueller.

“Já são 34 edições em que celebramos o teatro, a arte e a cultura de vários cantos do país e do mundo, sempre com uma programação diversa, acessível e pensada para todas as pessoas, promovendo o mercado da economia criativa de Curitiba e região”, explica o diretor Leandro Knopfholz. A abrangência do festival reflete sua vocação democrática: teatro, dança, circo, humor, música, oficinas, performances e gastronomia convivem em uma programação que dialoga com todos os públicos.

A Mostra Lucia Camargo, principal vitrine do festival, traz mais de 30 espetáculos selecionados por curadoria formada pela produtora Daniele Sampaio, a atriz e direto-



Na Marca do Pênalti



Dois Papas



Um Enasio Sobre a Cegueira

ra Giovana Soar e o crítico teatral Patrick Pessoa. “A seleção é muito preciosa, não só pela qualidade dos espetáculos, mas pela solidificação e celebração de grupos e companhias que fizeram história nessas mais de três décadas do Festival de Curitiba”, destaca a diretora Fabíula Passini. A mostra celebra o teatro como arte

coletiva, homenageando grupos teatrais importantes e eternizando a memória de grandes nomes das artes cênicas brasileiras. Além das produções nacionais, há espetáculos internacionais da Alemanha, Argentina e Moçambique.

Entre os destaques confirmados estão nomes como Malu Galli,

Du Moscovis, Herson Capri, Natália do Vale e Walter Casagrande Júnior. Na direção, Nelson Motta, Miguel Falabella, Rodrigo Portella, Inez Viana e Fernando Philbert. O festival também reúne companhias consagradas como Grupo Galpão, Grupo Corpo, Armazém Cia de Teatro, Coletivo Prot{ag}onistas,

Grupo Magiluth, Coletivo Negro e Companhia de Teatro Heliópolis.

No Teatro Guaíra, o musical “Tim Maia - Vale Tudo” divide a programação com a estreia nacional de “Na Marca do Pênalti”, em que o ex-jogador Walter Casagrande revisita sua carreira e os momentos mais difíceis de sua vida. O aclamado “Dois Papas”, primeira montagem internacional do texto de Anthony McCarten, autor do roteiro do filme da Netflix indicado a três Oscars, também marca presença. Herson Capri e Natália do Vale celebram 50 anos de carreira em “A Sabedoria dos Pais”, dirigida por Miguel Falabella. O Grupo Corpo apresenta “Piracema”, novo espetáculo de dança que celebra os 50 anos da companhia, consolidada como o mais importante grupo de dança contemporânea do Brasil.

A Mostra Fringe, vertente fundamental do festival, ocupa teatros, praças, parques e ruas com cerca de 300 espetáculos produzidos por aproximadamente 1.800 artistas e técnicos de todos os estados brasileiros e de países como Argentina, Peru, Chile e Bolívia. Cerca de 40% das apresentações são gratuitas. Sem passar por curadoria, a Fringe funciona por cadastro voluntário, reunindo companhias de teatro, circo, música, dança e outras vertentes. Os espetáculos acontecem em mais de 70 espaços da Grande Curitiba, atraindo aproximadamente 50 mil espectadores e movimentando a cena teatral local.

O festival também contempla públicos específicos. A Mostra Surda de Teatro, em sua terceira edição, destaca o protagonismo de artistas e produtores surdos na Capela Santa Maria, com programação gratuita. O Guritiba foca na democratização do acesso à arte para crianças, adolescentes e famílias, com espetáculos no Museu Oscar Niemeyer.

O Risorama, tradicional festival de humor em sua 22ª edição, acontece na Pedreira Paulo Leminski com comediantes como Nany People, Bruna Louise, Nando Viana e Rodrigo Marques. Já o MishMash, mostra de variedades artísticas que combina malabarismo, mágica, circo e palhaçaria.

O Interloquções promove ações formativas gratuitas com debates, encontros, palestras, oficinas e lançamentos de livros, estimulando o pensamento crítico sobre as artes cênicas. Parte da programação possui vagas limitadas, com inscrições pelo e-mail interlocucoes@festivaldecuitiba.com.br. A acessibilidade é marca do festival, com diversos espetáculos contando com áudio-descrição e intérpretes de Libras.

SERVIÇO

34º FESTIVAL DE CURITIBA

De 30/3 a 12/2

Ingressos: www.festivaldecuitiba.com.br

Informações e programação:

@festivaldecuitiba (Instagram), @fest.curitiba (Facebook) e @Fest_curitiba (Twitter)



Divulgação

Nas cores das veredas do Sertão

Setenta anos depois de João Guimarães Rosa entregar à Editora José Olympio as quase 600 páginas de “Grande sertão: veredas”, esta obra-prima da literatura brasileira ganha nova vida em tintas, cores e traços da artista visual gaúcha Graça Craidy na exposição “Grande Sertão”, que reúne 50 obras que traduzem em imagens a travessia literária do romance publicado em 1956.

Em cartaz no Centro Cultural dos Correios de Niterói, a mostra traz retratos dos principais personagens da narrativa de roseana: Riobaldo, Diadorim, Joca Ramiro, Hermógenes, Zé Bebelô, Otacília, Nhorinhá, Manuelzão, Sô Candelário e Quelemém. O próprio escritor mineiro, eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1963, aparece em dois retratos. Em um deles, Guimarães Rosa se embrenha no Cerrado mineiro a cavalo ao lado de vaqueiros, cena que de fato aconteceu na fase em que coletava dados para escrever a obra. A flora e a fauna da região onde se desenvolve a narrativa ambientam a exposição, com coqueiros buritis, pássaros e aves criados pela artista.

Para ter domínio da temática e aguçar sua inspiração, Graça Craidy, que vive e mantém ateliê em Porto Alegre, não só leu o romance como fez um curso sobre o livro, durante o qual leu, releu e debateu a narrativa por meses com a professora da USP

Maria Cecília Marks. A artista também pesquisou teses, monografias e ensaios sobre a obra e assistiu algumas vezes ao monólogo “Riobaldo”, protagonizado pelo ator carioca Gilson de Barros, com direção de Amir Haddad. O ator fará um pocket show na abertura da exposição.

“Espero que os visitantes se encantem com a história em quadros do meu ‘Grande Sertão’ particular, expressionista, apaixonado, de cores turvas, ternas e terrosas. Em cada personagem, cena, gesto, o meu gentil convite para despertar nas pessoas o desejo de ler esse grande romance”, afirma Graça. A artista define seu trabalho como expressionista e apaixonado, traduzindo em cores a densidade do romance que mergulha no Brasil profundo.

Esta é a quinta vez que Graça une sua arte à literatura. A primeira foi na coleção “Clarices”, com 33 retratos de Clarice Lispector. Depois vieram as coletivas “Autorias I” e “Autorias II”, que organizou e participou ao lado de 42 artistas gaúchos retratando 51 escritores do Rio Grande do Sul. Em novembro e dezembro de 2025, foi curadora e artista de “Erico”, homenagem aos 120 anos de nascimento de Erico Veríssimo, ao lado de 46 colegas.

Mineiro de Cordisburgo, Guimarães Rosa morava no Rio, na Rua Francisco Otaviano, em Copacabana, quando escreveu “Grande Sertão: Veredas”. Ao amigo Azere do da Silveira, colega no Itamaraty, confidenciou à época: “Passei três



Exposição da gaúcha Graça Herdy celebra os 70 anos da obra-prima de João Guimarães Rosa



As telas de Graça Herdy mergulham na essência dos personagens e paisagens roseanas após anos de pesquisa



dias e duas noites trabalhando sem interrupção, sem dormir, sem tirar a roupa, sem ver cama: foi uma verdadeira experiência transpísica, estranha, sei lá, eu me sentia um espírito sem corpo, pairante, levitando, desencarnado - só lucidez e angústia. Passei dois anos num túnel, um subterrâneo, só escrevendo, só escrevendo, escrevendo eternamente”.

Recebido com aplausos pela crítica, principalmente por suas inovações linguísticas, o livro foi um dos mais vendidos durante meses e venceu prêmios literários como o Machado de Assis. Em 2002, integrou a lista dos 100 melhores livros de todos os tempos do Clube do Livro da Noruega, sendo a única obra brasileira na relação selecionada por 100 escritores de 54 países.

Na leitura de Graça Craidy, “Grande Sertão: Veredas” retrata “o Brasil profundo, em plena mudança do Império para República, a

contragosto dos senhores de terra e coronéis que viam no poder central republicano a anulação do seu poder histórico”. Para ela, naquele cenário de batalhas entre fazendeiros e jagunços contra a polícia e os novos políticos, “um sertão recortado por rios, veredas, coqueiros-buritis, pássaros e animais selvagens acoita homens comuns incomuns à cata de poder e de Deus, em fuga da morte e do Diabo, divididos entre o bem e o mal, regurgitando questões caras à humanidade, como o amor, e mais que amor, o amor entre dois guerreiros: Riobaldo e Diadorim”.

SERVIÇO GRANDE SERTÃO

Espaço Cultural Correios Niterói (Av. Visconde do Rio Branco, 481, Centro)
Até 28/3, de segunda a sexta (11h às 18h) e sábados (13h às 18h)
Entrada franca